

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo Class.: AM-Madeira
 Data: 22.04.79 Pg.: 11 06

Sudam estimula retirada de madeira da Amazônia

E. MAMCAZ
 Enviado Especial

MACAPÁ— Embora diga o ministro do Interior, Mário Andreazza, que toda decisão sobre o uso da floresta amazônica será tomada com o Congresso Nacional, para posterior divisão de culpa, se for o caso, a verdade é que a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) promove, há anos, cursos e financiamentos para a retirada da madeira da floresta, conhecida em detalhes por seus técnicos.

Em Curuá-Una, distrito de Santarém, no Baixo-Amazonas, por exemplo, a Sudam possui o centro de tecnologia madeireira que trabalha, segundo relatório dos técnicos, na "assistência técnica na montagem de serrarias, dando indicações relativas". As espécies regionais quanto ao uso tecnológico a que se podem prestar, e for cendo dados".

O mesmo Centro, possui um "Núcleo de Operações Florestais", que dá cursos para operadores de serraria e laminadores de serras, cada qual com um total de 1.176 horas de aula, e tem feito pesquisas na região, permitindo uma divisão detalhada das árvores com maior poder econômico no mercado madeireiro mundial e daquelas cujo melhor uso não foi definido.

Quanto às intenções da Sudam na Floresta Amazônica, não há dúvida, de acordo com o relatório, que descreve o treinamento, que consta "do preparo de facas e lâminas de serras e serviços correlatos... além de práticas de esteltagem de lâminas, especialmente indicadas para certas madeiras duras da região", tudo isto sendo desenvolvido no núcleo de Santarém.

TUDO PRONTO

As desculpas oficiais de que ainda não se tomou nenhuma decisão sobre a floresta da Amazônia porque não existem dados suficientes, também não procedem, a partir do comportamento da Sudam, que tem pronto um levantamento, com números, espécies, melhor uso da madeira, que já foi retirada diversas vezes da Amazônia e testada em fábricas localizadas em São Paulo e outros Estados.

Dos 260 milhões de hectares da floresta amazônica, 254 milhões representam "terra firme", de melhor qualidade e também de retirada mais fácil, uma vez que está fora do alcance das cheias periódicas, com potencial de aproveitamento econômico na ordem de 178 metros cúbicos por hectare". Mas nem todas as madeiras são conhecidas no mercado — dizemos técnicos, baixando o índice então para 60m3/ha.

Mesmo com a redução provocada pelos tipos de madeiras amazônicas ainda não aproveitadas no mercado internacional, por ser desconhecida sua utilização, os técnicos da Sudam anotaram com os dados de 15.210 milhões (mais de 15 bilhões) de metros cúbicos o "volume médio comercializável" dos tipos florestais de terra firme da Amazônia. As áreas sujeitas a cheias, estão por volta de 195 milhões de metros cúbicos.

Como resultado das pesquisas já feitas em Curuá-Una nos últimos anos, os técnicos da Sudam apontam esta vantagem, colocada no relatório apontado por eles: um acervo bastante significativo, em condições de ser transferido às indústrias usuárias da madeira implantadas na região, com vistas a introduzir uma nova

tecnologia às operações florestais de derrube e arraste de todas, em substituição aos arcaicos métodos até aqui adotados".

AS MELHORES

Por meio de pesquisas feitas nos últimos 15 anos na estação experimental de Curuá-Una, os técnicos da Sudam conseguiram também determinar o melhor uso para uma centena de espécies de árvores da região amazônica. Eis alguns exemplos, contidos no relatório da Sudam "Pesquisa-Instrumental Básico para o Planejamento Regional".

Morototo — "Fornece madeira branca, tenra e porosa, muito usada em marcenaria, podendo servir para produção de polpa de celulose e excelente como madeira para palito de fósforo".

Mandioqueira — "Crescimento médio, boa regeneração natural, espécie nativa de terra firme, fornecendo madeira própria para serrados e tacos".

Sobre o "pau-rosa" que fornece óleo essencial, os técnicos da Sudam lembram no relatório que a espécie foi extinta na Guiana Francesa e está também escassando na Amazônia Brasileira, porque o óleo sempre foi conseguido através da derrubada da árvore, método que eles atacam, ao explicarem que o produto pode ser conseguido, da mesma maneira, "extraíndo-o dos galhos e das folhas, sem necessidade de sacrificar a árvore".

JA DERRUBADAS

"Os estudos estão concluídos e demonstram rentabilidade bastante atraente no aproveitamento global da mata nativa, através da ins-

talação de complexos industriais que promovam o emprego de maior número possível das espécies concorrentes, com o desenvolvimento simultâneo de várias linhas de produção, entre as quais se incluem a produção de serrados, de laminados, e compensados e de polpa de celulose bruta".

Para se chegar à conclusão acima, o relatório da Sudam ainda informa que foram feitas pesquisas:

"Foram realizados testes de laboratório, repetidos posteriormente em escala industrial, na fábrica de Celulose Simão, em Jacaré, São Paulo. A partir de 300 toneladas de 12 madeiras originárias das matas de Curuá-Una, foram produzidas, pelo processo sulfato, 125 toneladas de pasta de celulose alvejada. Posteriormente, foram realizados, em escala industrial, ensaios com essa celulose para produção de papel de vários tipos, em uma fábrica da Guanabara, com absoluto sucesso".

"A floresta amazônica apresenta possibilidades muito favoráveis relativamente à utilização de suas espécies nativas, como fonte de material celulósico" — ainda diz o relatório, noutro ponto. Ele está assinado pelo ex-superintendente da Sudam, Hugo de Almeida, hoje presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, que deixou tudo pronto para a exploração da floresta, como afirma:

"Um programa deste porte está naturalmente indicado para a Amazônia cuja floresta, rica em espécies vegetais valiosas e variadas, propicia o funcionamento de complexos madeireiros de alto nível, permitindo transformar em fator de

riqueza o caráter de heterogeneidade, tantas vezes invocado como fator negativo para sua exploração econômica".

Além da Sudam, já estão comprometidos na exploração de madeira da floresta amazônica outros órgãos federais, como o Incra, que liberou diversos "distritos florestais" e dirige uma colonização agropecuária com prejuízo da floresta; o IBDF que retirou da Eletronorte a exploração da floresta de Tucuruí, que será inundada para a construção de uma usina hidrelétrica; e até a Suframa, interessada em exportar madeira de Roraima para a Venezuela.

RECONSTITUIÇÃO

No aeroporto internacional de Macapá, um cartaz da prefeitura da cidade dá uma noção do estágio a que chegou o problema da exploração da floresta amazônica. Nele, os técnicos do Território Federal do Amapá, órgão ligado diretamente ao Ministério do Interior, pedem à população para que ela estimule o plantio e conservação de árvores ao redor de suas casas. Quer dizer, uma campanha de arborização.

Mas não é só em Macapá que existe um trabalho de reflorestamento da "floresta" amazônica. No Projeto Jari, há um trabalho de reflorestamento de 200 mil hectares para a "substituição da floresta nativa, anti econômica para seu aproveitamento em larga escala, em razão das variações de espécies e densidade", de acordo com outro relatório, de 1977, feito pelo Ministério do Interior.